



EMBRAPA

Vinculada ao Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária
Centro Nacional de Pesquisa de Trigo - CNPT
Passo Fundo, RS

Fol.
6729

CULTIVARES DE TRIGO NO BRASIL

I - CULTIVARES DISPONÍVEIS ANTES DE 1950



Centro Nacional de Pesquisa de Trigo
Passo Fundo, RS



ISSN 0101-6644



EMBRAPA

Vinculada ao Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária
Centro Nacional de Pesquisa de Trigo - CNPT
Passo Fundo, RS

CULTIVARES DE TRIGO NO BRASIL I - CULTIVARES DISPONÍVEIS ANTES DE 1950

Cantídio Nicolau Alves de Sousa

Centro Nacional de Pesquisa de Trigo

Passo Fundo, RS

1995

EMBRAPA-CNPT. Documentos, 24

Exemplares desta publicação podem ser solicitados à:

EMBRAPA-CNPT

Rodovia BR 285 km 174

Fone: (054)311-3444

Fax: (054)311-3617

Telex: 545319

Caixa Postal 569

99001-970 Passo Fundo, RS

Tiragem: 100 exemplares

Comitê de Publicações:

Edar Peixoto Gomes - Presidente

Delmar Pöttker

Gilberto Omar Tomm

Leila Maria Costamilan

Leo de Jesus Antunes Del Duca

Walesca Iruzun Linhares

Tratamento Editorial: Fátima M. De Marchi

Normalização: Maria Regina C. Martins

Capa: Liciane Toazza Duda Bonatto

SOUSA, C.N.A. de. **Cultivares de trigo no Brasil:**
I - cultivares disponíveis antes de 1950. Passo
Fundo: EMBRAPA-CNPT, 1995. 34p.
(EMBRAPA-CNPT. Documentos, 24).

Trigo; Cultivar; Brasil; Histórico.

CDD: 633.113081

SUMÁRIO

CULTIVARES DE TRIGO NO BRASIL. I - CULTIVARES DISPONÍVEIS ANTES DE 1950	7
INTRODUÇÃO	7
METODOLOGIA UTILIZADA	8
INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS	8
● Rio Grande do Sul	9
● Santa Catarina	10
● Paraná	10
● São Paulo	11
● Minas Gerais	11
ORIGEM DOS TRIGOS CULTIVADOS NO BRASIL ENTRE 1900 E 1950	12
INFORMAÇÕES CONDENSADA POR CULTIVAR	13
Alegrete	14
Alfredo Chaves (linhas)	14
Alfredo Chaves 3-21	14
Alfredo Chaves 4-21	14
Alfredo Chaves 6-21	14
Ardito	15
Artigas	15
Bagé	15
Bandeirantes	16
Barleta	16
Branco	16
Centeira	16
Centeiroz	16
Centelha	17
Centenário	17
Cincana	17
Colônias	17
Colonista	17
Combate	18
Esteana	18
Farrapo	18
Floreana	18
Florence	18
Floresta	19
Florestana	19
Frocor	19
Frondoso	19
Frontana	19
Fronteira	20
General Vargas	21
Guarany	21
H-10-35	21

Heana.....	21
Iguaçu.....	21
Jesuíta.....	21
Kenya 155.....	22
La Estanzuela 2787C.....	22
Lageadinho.....	22
Larrañaga.....	22
Lavras.....	22
Litoral Precoz.....	23
M 5.....	23
Marumbi.....	23
Mentana.....	23
Minuano.....	23
Missões.....	23
Montes Claros.....	24
Muco.....	24
Negroz.....	24
Nordeste.....	24
Novera.....	24
Novo Sulino.....	24
Novo Surto.....	24
Oitest (linhas).....	25
Patriarca.....	25
Petiblanco.....	25
PG 1.....	25
Pitana.....	26
Planalto.....	26
Polyssú.....	26
Porvenir.....	26
Pusa 4.....	27
Ricana.....	27
Rietti.....	27
Rio Negro.....	27
Riosulino.....	27
Roxo.....	28
S 44-27.....	28
Sales.....	28
Seberi.....	28
Sinvalochó.....	28
SL 242-30.....	28
Surpresa.....	29
Trapeano.....	29
Trintani.....	29
Trintecinco.....	30
Turco.....	30
Veadeiros.....	30
Veranópolis.....	30
III AC2.....	30
XIII AP.....	31
1068-36.....	31
REFERÊNCIA.....	31

APRESENTAÇÃO

O esforço de uma instituição de pesquisa pode ser medido por seus resultados. O conjunto desses resultados, de certa forma, representa a história das realizações dessa mesma instituição.

Esta publicação pretende, recuperar a memória das instituições que se envolveram em pesquisa de trigo no Brasil antes de 1950, identificar as cultivares de trigo disponíveis na primeira metade do século, assim como suas origens, genealogia e algumas características agronômicas.

Espera-se que, além de recuperar a memória dos programas de melhoramento que existiram no Brasil no passado, esta publicação possa auxiliar futuros programas de criação de cultivares que atendam a demanda crescente por material mais adaptado, resistente, produtivo e de melhor qualidade industrial, de tal forma que seja possível entrar no novo paradigma das ciências agronômicas, o da Biologia Molecular, dispondo de informações que permitam elevar a eficiência e a eficácia da atividade de pesquisa.

Benami Bacaltchuk

Chefe do CNPT

CULTIVARES DE TRIGO NO BRASIL.

I - CULTIVARES DISPONÍVEIS ANTES DE 1950

Cantídio Nicolau Alves de Sousa¹

INTRODUÇÃO

A maior parte das cultivares em cultivo no Brasil descende das cultivares que foram criadas na primeira metade do século XX. Foi nesse período que o melhoramento de trigo começou a ser realizado pelo governo. Um detalhado estudo sobre a história do melhoramento de trigo no Brasil foi apresentado por Lagos (1983). O trabalho de melhoramento de trigo no Brasil foi iniciado em 1919 pelo Ministério da Agricultura e teve continuidade através da Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, a partir de 1929. A Secretaria da Agricultura, em suas estações experimentais, desenvolveu uma série de importantes cultivares na primeira metade deste século. A partir de 1937, o governo federal novamente investiu no melhoramento de trigo, através da criação de estações experimentais em diversos estados da união e com a instalação em 1943 do Instituto Agrônomico do Sul com sede em Pelotas, RS. As Secretarias de Agricultura de Minas Gerais e de São Paulo também iniciaram trabalhos de melhoramento com trigo naqueles estados.

O objetivo do presente trabalho foi reunir as informações sobre as diferentes cultivares antigas do Brasil desenvolvidas ou cultivadas até 1950.

¹ Eng-Agr., M.Sc., EMBRAPA-Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPT), Caixa Postal 569, 99001-970 Passo Fundo, RS.

METODOLOGIA UTILIZADA

O presente trabalho baseou-se na pesquisa bibliográfica de artigos e publicações sobre as cultivares de trigo criadas ou cultivadas no Brasil no período de 1900 a 1950 e as instituições envolvidas no desenvolvimento dessas cultivares. A maior parte das informações foi obtida das seguintes fontes: Bayma (1960), Lagos (1983), Silva (1966), Silva (1968) e Teixeira (1958). Descrições detalhadas de algumas cultivares antigas foram apresentada por Dedeca & Purchio (1952), por Paiva (1947) e por Sacco (1960). Informações avulsas sobre cultivares de trigo no Brasil antes de 1950 foram coletadas em publicações de Ferreira Filho (1948), Gayer (19--), Paz (1939) e Prunes (1939). Relações das cultivares brasileiras, incluindo as cultivares antigas, foram apresentadas por Kholi (1986), por Osório (1982), por Sousa (1994) e por Zeven & Zeven-Hissink (1976). São apresentadas as fontes principais de literatura de onde foram coletadas as informações sobre cada cultivar. Para facilitar a localização da informação, na maior parte das citações é mencionada a página onde ela se encontra (ver página). Foram também consultadas informações disponíveis no Arquivo Técnico do Trigo do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, da EMBRAPA, em Passo Fundo, RS. Sempre que disponíveis, são apresentadas por cultivar as informações sobre o cruzamento, a instituição responsável pelo desenvolvimento da cultivar, o ano de lançamento ou de disponibilidade do material, os estados onde a cultivar foi cultivada, as características gerais da planta (ciclo, estatura, presença de aristas na espiga e cor da gluma), informações sobre o grão e as características industriais. Também é enumerada a descendência de cada material em relação às cultivares que foram posteriormente desenvolvidas e cultivadas no Brasil e, em alguns casos, até no exterior.

INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS

A seguir, são relacionadas cronologicamente, por estado da federação, datas importantes relacionadas com o estabelecimento de instituições de pesquisa de trigo no Brasil que tiveram atuação antes de 1950.

Rio Grande do Sul



- 1919: Criação da Estação Experimental de Alfredo Chaves (E.E. de Alfredo Chaves), no atual município de Veranópolis, pelo Ministério da Agricultura. A E.E. de Alfredo Chaves representou o marco inicial no melhoramento de trigo no Brasil. Em 1925, foi realizado nessa estação o primeiro cruzamento artificial com trigo no Brasil.
- 1924: Criação da Estação Experimental de São Luiz das Missões (E.E. de São Luiz das Missões), pelo Ministério da Agricultura. Nessa estação, Iwar Beckman continuou, de 1926 a 1928, o trabalho iniciado na E.E. de Alfredo Chaves, em 1924.
- 1929: Transferência da E.E. de Alfredo Chaves para a administração da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul. Essa estação também é conhecida como Estação Experimental Fitotécnica de Veranópolis (E.E.F. de Veranópolis) ou Estação Experimental Fitotécnica das Colônias.
- 1929: Transferência da E.E. de São Luiz das Missões para a administração da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul. Essa estação foi extinta em 1936.
- 1929: Criação da Estação Experimental Fitotécnica de Bagé (E.E.F. de Bagé), também conhecida como Estação Experimental Fitotécnica da Fronteira, pela Secretaria da Agricultura. No mesmo ano, Iwar Beckman foi contratado para desenvolver trabalhos nessa Estação. (Souza & Waldman, 1977)
- 1933: Criação do Campo de Multiplicação de Sementes de São Borja, pelo Ministério da Agricultura.
- 1937: Criação, pelo Ministério da Agricultura, da Estação Experimental de Trigo, no distrito de Sertão (posteriormente município), em Passo Fundo. Mais adiante, foi denominada Estação Experimental de Passo Fundo (EPPF).
- 1937: Criação do Campo de Multiplicação de Sementes de Júlio de Castilhos, pela Secretaria da Agricultura. Em 1940, foi iniciado em Júlio de Castilhos um programa de melhoramento de trigo com materiais recebidos de Veranópolis.

tomou o nome de Estação Experimental de Ponta Grossa (EEPG).

- ▲ 1938: Criação da Estação Experimental de Curitiba (EEC), pelo Ministério da Agricultura.
- ▲ 1945: A EEPG e a EEC passaram a fazer parte do IAS.

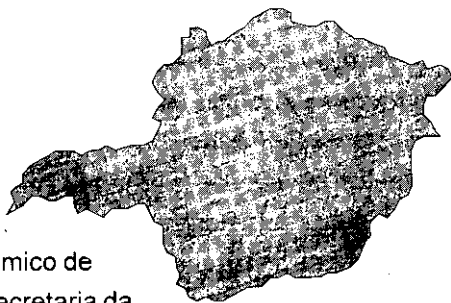
São Paulo

- ◆ 1909: Criação do Campo Experimental de Itapetininga para a cultura de trigo, pela Secretaria da Agricultura. Os trabalhos nessa unidade tiveram pouca duração (Taunay, 1929).
- ◆ 1937: Realização dos primeiros cruzamentos artificiais com trigo no Instituto Agrônomo de Campinas (IAC).
- ◆ 1942: Intensificação dos trabalhos de melhoramento de trigo no IAC. Em 1953, os trabalhos de melhoramento de trigo foram transferidos para Capão Bonito.



Minas Gerais

- * Década de 30: Criação da Estação Experimental de Belo Horizonte, que, depois, passou a se denominar Instituto Agrônomo de Belo Horizonte. Instituição da Secretaria da Agricultura de Minas Gerais. Na década de 50, algumas cultivares produzidas por esse instituto foram lançadas para cultivo.
- * 1937: Criação da Estação Experimental de Patos, pelo Ministério da Agricultura.



ORIGEM DOS TRIGOS CULTIVADOS NO BRASIL ENTRE 1900 E 1950

Antes do trabalho iniciado pela E.E. de Alfredo Chaves, em 1919, as cultivares disponíveis no Brasil provinham de trigos trazidos de várias partes do mundo, como, por exemplo, da Itália, introduzidos por imigrantes vindos daquele país, ou mesmo da importação eventual pelo governo brasileiro de sementes de trigos de outros países para incentivar o cultivo desse cereal no Brasil. A maior parte dos trigos introduzidos não apresentou adaptação às condições de cultivo no Brasil. Os agricultores, geralmente, plantavam uma mistura de tipos. Os trigos mais adaptados ficaram em cultivo, e vários deles sobreviveram ao longo dos anos. Esses trigos são conhecidos como trigos coloniais, locais, crioulos, nativos ou indígenas. Entre os trigos coloniais, estão os conhecidos nas primeiras décadas do século XX com o nome de Branco, Muco, Roxo e Turco, em cultivo no Rio Grande do Sul, o trigo Montes Claros, em Minas Gerais, e o trigo Veadeiros, em Goiás. Em 1914, um engenheiro de nome Jorge Polyssú, adquiriu, no município de Guaporé, no Rio Grande do Sul, certa quantidade de um trigo que levou para o Paraná, onde foi multiplicado e cultivado com o nome de Polyssú.

Devido ao trabalho desenvolvido na E.E. de Alfredo Chaves, ocorreu uma evolução muito rápida no melhoramento de trigo no Brasil. Inicialmente, em Alfredo Chaves, foram realizadas seleções em trigos existentes na lavoura (melhoramento por seleção), e entre os materiais obtidos por esse método estão as diversas linhas Alfredo Chaves, a cultivar Colonista e as linhagens S 44-27, III AC2 e XIII AP, que foram importantes principalmente no uso em cruzamentos para o desenvolvimento de cultivares adaptadas à condição de cultivo no Brasil. Em Ponta Grossa, foi realizada seleção utilizando o trigo Polyssú, resultando na produção da cultivar PG 1. Tanto Polyssú como PG 1 constituíram-se em cultivares muito importantes na utilização em cruzamentos para o desenvolvimento das cultivares brasileiras de trigo.

Em 1925, foi realizado, também na E.E. de Alfredo Chaves, o primeiro cruzamento artificial com trigo no Brasil. Dos cruzamentos realizados

nesse local, surgiram as primeiras cultivares brasileiras, a partir de 1931, produzidas pelo método de melhoramento por cruzamento. A partir daí, começou um período muito fértil de disponibilidade de cultivares para a lavoura. Através do método de melhoramento por cruzamento, cerca de 15 cultivares foram lançadas para cultivo na década de 30, entre elas Fronteira, Guarany, Jesuíta, Minuano, Missões, Surpresa e Trintecinco, e cerca de 20 cultivares na década de 40, entre elas Alegrete, Bagé, Cincana, Frontana, Nordeste, Planalto, Rio Negro, Trapeano e Trintani. Essas cultivares foram desenvolvidas na E.E. de Alfredo Chaves/Veranópolis, na E.E. de São Luiz das Missões, na E.E.F. de Bagé e na E.E.F. de Júlio de Castilhos. Algumas das cultivares lançadas na década de 40 foram muito plantadas na década de 50.

O método de melhoramento por introdução teve também seu lugar, porém de maneira menos efetiva. Ardito, Barleta e Mentana, da Itália, foram plantados em pequena escala. Por seleção em Ardito, foi produzida a cultivar Lageadinho. Mentana foi importante, principalmente no cruzamento com Fronteira, produzindo a cultivar Frontana e incorporando precocidade em germoplasma descendente de Fronteira. Mentana foi também utilizada no desenvolvimento de outras cultivares brasileiras, como Floreana, BH 1146 e Horto. Alguns trigos uruguaios (Artigas, Centenário, Petiblanco e Porvenir) foram plantados no Rio Grande do Sul. Artigas ocupou grandes áreas no final da década de 20. Pusa 4, da Índia, esteve em cultivo no norte do Paraná e em São Paulo. Florence, da Austrália, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, e Sinvalocho, da Argentina, no Rio Grande do Sul, apresentaram pequena disseminação.

INFORMAÇÃO CONDENSADA POR CULTIVAR

São apresentadas, por cultivar, informações disponíveis em relação aos seguintes grupos de materiais:

- > Cultivares criadas no Brasil no período 1900 a 1950;
- > Cultivares introduzidas do exterior que estiveram em cultivo durante a primeira metade do século XX ou que foram progenitoras de trigos brasileiros antigos;

- Linhagens desenvolvidas no Brasil que foram progenitoras de cultivares antigas; e
- Trigos coloniais existentes na lavoura no início do século XX.

Alegrete: Proveniente do cruzamento Trintecinco/Novo Surto. Cultivar desenvolvida por Benedito Paiva, na E.E.F. de Júlio de Castilhos, RS, e lançada para cultivo em 1949. Foi cultivada nos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná. Teve disseminação limitada. Trigo tardio, de espigas grandes e de boa granação.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.185).

Alfredo Chaves (linhas). Do trabalho inicial realizado por Carlos Gayer, na Estação Experimental de Alfredo Chaves (Veranópolis), RS, foram produzidas diversas cultivares de sigla Alfredo Chaves, numeradas de 1-20 e de 2-21 a 14-21, através de seleções realizadas em trigo colonial, provavelmente sobre o trigo conhecido como Turco (Pimentel, 1947), do Rio Grande do Sul. Cultivares disponíveis em 1922.

Alfredo Chaves 3-21: Seleção de um trigo colonial do Rio Grande do Sul. Proveniente de trabalho realizado na E.E. de Alfredo Chaves (hoje Veranópolis), RS. Cultivar disponível em 1922.

Descendência: Guarany, Jesuíta, Missões, Nordeste e Trintecinco.

Alfredo Chaves 4-21: Seleção de um trigo colonial do Rio Grande do Sul. Proveniente de trabalho realizado na E.E. de Alfredo Chaves, RS. Cultivar disponível em 1922.

Descendência: Trintecinco.

Alfredo Chaves 6-21: Seleção de um trigo colonial do Rio Grande do Sul. Proveniente de trabalho realizado na E.E. de Alfredo Chaves, RS. Cultivar disponível em 1922. Foi utilizada com sucesso no desenvolvimento de outras cultivares brasileiras.

Descendência: Farrapo, Frondoso, Fronteira, M5, Minuano, SL 242-30 e Surpresa.

Ardito: Descendente do cruzamento Wilhelmina/Rieti//Akagomughi. Cultivar desenvolvida por Nazareno Strampelli, na Itália, de onde foi introduzida. Foi plantado em pequena escala no Rio Grande do Sul. Trigo semiprecoce, de estatura média, espigas aristadas e glumas vermelhas. Grãos curtos e vermelhos. De boa resistência à ferrugem linear e suscetível à ferrugem da folha e à ferrugem do colmo.

Literatura: Horovitz et al. (1939) (ver p.70).

Descendência: Lageadinho (obtido por seleção em Ardito).

Artigas: Descendente do cruzamento Americano 25e/Americano 26n. Cultivar introduzida do Uruguai, onde foi lançada em 1924, e que esteve em cultivo no Rio Grande do Sul no final da década de 20, onde apresentou grande disseminação. Em função da ocorrência da ferrugem linear a partir de 1929, a aceitação dessa cultivar diminuiu rapidamente.

Literatura: Teixeira (1958) (ver p.75).

Descendência: Artigas é um dos progenitores do trigo Centenário, também criado no Uruguai.

Bagé: Descendente do cruzamento de 1068-36 (linha irmã de Rio Negro) com a linha introduzida do Uruguai identificada como La Estanzuela 2787C, ou seja, Surpresa/Centenário//La Estanzuela 2787C realizado em 1938. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman, na E.E.F. de Bagé, RS, e lançada em 1949. Trigo semiprecoce, de estatura alta, palha muito forte, espigas aristadas e grandes e glumas brancas. Resistente ao acamamento e à debulha. Resistente a muitos biótipos de *Puccinia recondita*. Suscetível à septoriose da gluma, à giberela e ao crestamento. Cultivar de grãos grandes e vermelhos, com tendência a apresentar bom peso por hectolitro, de bom valor panificativo e de elevado rendimento industrial. Alcançou grande disseminação na zona sem problema de crestamento do Rio Grande do Sul, foi cultivada em São Paulo e em outros estados e logrou boa aceitação no Uruguai

Literatura: Bayma (1960) (ver p.181), Beckman (1951), Sacco (1960) (ver p.15), Silva (1966) (ver p.17); Silva (1968) (ver p.64).

Descendência: IAC 2-Kibeiro, no Brasil; Buck Paraná, Magnif Entrerriano e Pergamino Gaboto, na Argentina; Kenya Page, em Quênia; Estanzuela Tarariras e Estanzuela Young, no Uruguai.

Bandeirantes: Proveniente de cruzamento desconhecido. Cultivar produzida na Fazenda Nomura, município de Bandeirantes, PR, e distribuída em 1949. Trigo precoce, de estatura média, espigas aristadas e glumas brancas. Apresenta tendência a apresentar bom perfilhamento. Cultivar de grãos brancos. Foi cultivada no norte do Paraná, em São Paulo, em Minas Gerais e na região de Veadeiros, em Goiás.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.191), Dedecca & Purchio (1952) (ver p.45), Silva (1966) (ver p.24).

Barleta: Introduzido da Itália, esse trigo já existia na lavoura no início do século XX.

Literatura: Horovitz et al. (1939) (ver p. 89).

Descendência: H-10-35.

Branco: Também conhecido como Careado Branco. Trigo colonial antigo existente no Rio Grande do Sul no início do século XX. De espigas aristadas e precoce.

Descendência: por seleção em amostra de Branco, foi desenvolvida a linhagem S 44-27, que foi um dos progenitores da cultivar Planalto.

Centeira: Descendente do cruzamento Centenário/Fronteira, realizado em 1932. Cultivar desenvolvida em Bagé e lançada para cultivo no Rio Grande do Sul em 1943. Trigo de ciclo médio, estatura alta, espigas aristadas e glumas vermelhas. Resistente ao crestamento.

Descendência: Centeiroz.

Centeiroz: Descendente do cruzamento Centeira/Litoral Precoz. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman. Foi cultivada no Rio Grande do Sul.

Centelha: Descendente do cruzamento Centenário/Fronteira. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman.

Centenário: Trigo uruguaio descendente do cruzamento Artigas/Larranaga. Cultivar proveniente de La Estanzuela, Uruguai, onde foi lançada em 1933, e distribuída no Brasil em grande escala na década de 30. Resistente às ferrugens, principalmente à ferrugem linear.

Literatura: Horovitz et al. (1939) (ver p.56).

Descendência: Bagé, Centeira e Rio Negro.

Cincana: Descendente do cruzamento Mentana/M 5, realizado em 1930. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman, na E.E.F. de Bagé, RS, e distribuída em 1942. Cincana esteve em cultivo nos estados do Rio Grande do Sul, do Paraná e de São Paulo. Trigo precoce como Frontana e de espigas aristadas. Cultivar de grão vermelho e com bom peso do hectolitro. Trigo produtivo porém de qualidade deficiente para panificação.

Literatura: Silva (1966) (ver p.17).

Descendência: Ricana.

Colônias: Descendente do cruzamento Trintecincô/SL 242-30, realizado em 1940. Cultivar desenvolvida por Benedito Paiva e Victor Pacheco, na E.E.F. de Veranópolis, RS, e lançada para cultivo em 1949. Colônias foi cultivado nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Trigo tardio, de estatura muito alta, espigas aristadas e glumas brancas. Boa resistência à septoria do nó e resistente ao crestamento. De grãos vermelhos e com tendência a apresentar peso do hectolitro baixo. Teve uma disseminação limitada.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.183), Sacco (1960) (ver p.18), Silva (1966) (ver p.18).

Descendência: Coloncol, Dom Marco, Giruá, IAS 20-Iassul e IAS 32-Sudeste.

Colonista: Proveniente de seleção realizada em trigo colonial conhecido como Roxo e cultivado por colonos no começo do século XX. Cultivar disponível no Rio Grande do Sul na década de 30. Trigo tardio, de

estatura alta, espigas aristadas e glumas vermelhas.

Descendência: Carazinho, Colocol, Fortaleza, Piratininga, Prelúdio e Trapeano.

Combate: Descendente do cruzamento Trintecinco/Guarany, realizado em 1940. Cultivar desenvolvida por Benedito Paiva, na E.E.F de Júlio de Castilhos, RS, e lançada para cultivo no Rio Grande do Sul em 1949. Trigo tardio.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.186), Sacco (1960) (ver p.19).

Descendência: IAS 50-Alvorada

Esteara: Descendente do cruzamento La Estanzuela 2787C/ Floreana.

Farrapo: Descendente do cruzamento Alfredo Chaves 6-21/III-AC 2, realizado em 1927. Cultivar desenvolvida por Benedito Paiva, na E.E. de Alfredo Chaves (Veranópolis), RS, e distribuída no Rio Grande do Sul em 1936. Trigo tardio e de estatura alta. De boa resistência às ferrugens e ao carvão. Cultivar de grãos vermelhos, duros e translúcidos e de boa panificação. Não teve boa aceitação na lavoura, provavelmente em função da suscetibilidade para a debulha.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.187), Paiva (1947) (ver p.21).

Floreana: Descendente do cruzamento Florence/Mentana, realizado em 1929. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman, em Bagé. Floreana foi cultivada nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná e de Goiás. Trigo precoce, de estatura média, espigas aristadas e glumas vermelhas.

Literatura: Dedecca & Purchio (1952) (ver p.46).

Descendência: Esteara, Heana e Pitana.

Florence: Descendente do cruzamento White Naples//Fife/White Naples/3/Fife/Eden. Cultivar introduzida da Austrália, foi plantada em pequena escala no Rio Grande do Sul e em São Paulo a partir do final da década de 20. Trigo precoce, de espigas míticas e de boa qualidade industrial.

Literatura: Bayles & Clark (1954) (ver p.60), Horovitz et al. (1939) (ver p.115).

Descendência: Floreana e Floresta.

Floresta: Descendente do cruzamento Florence/La Estanzuela. Reunida como linhagem com a denominação SL 487-28 e, depois, batizada com o nome de Floresta. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman.

Descendência: Florestana.

Florestana: Descendente do cruzamento Floresta/Mentana. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman, em Bagé.

Frocor: Descendente do cruzamento Frontana/C.O.C.R.(La Estanzuela). Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman, na E.E.F. de Bagé, RS. Trigo precoce. Foi utilizado em cruzamento em vários países das Américas.

Descendência: Nariño 59, Napo 63 e Tiba 63, na Colômbia; Atacazo, no Equador; Huamantla e Santa Helena, no México.

Fronoso: Descendente do cruzamento Polyssú/Alfredo Chaves 6-21. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman. Foi utilizado em cruzamento nos Estados Unidos da América por seu alto conteúdo de proteína no grão. Resistente ao crestamento.

Descendência: Atlas e Bledsoe, nos Estados Unidos da América

Frontana: Descendente do cruzamento Fronteira/Mentana, realizado em 1930. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman, na Estação Experimental Fitotécnica de Bagé (SA-RS), e lançada para cultivo em 1940 (Beckman, 1965). A precocidade da cultivar italiana Mentana foi incorporada em Frontana e, posteriormente, transferida em sua descendência para muitas outras cultivares. Trigo de espigas aristadas e de cor vermelha. Resistente ao acamamento e à debulha. Boa resistência à ferrugem da folha, inclusive apresentando os genes Lr13 e Lr34 para resistência de planta adulta a essa doença. Resistente ao carvão voador e suscetível à ferrugem do colmo, à septoriose da gluma e à giberela. Cultivar de grãos vermelhos e de bom

valor industrial. Muito resistente à germinação na espiga. Foi cultivada no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná, em São Paulo, em Minas Gerais e em Goiás. Teve uma disseminação muito grande no Brasil. Frontana foi intensamente utilizado nos programas de melhoramento genético no Brasil e em outras partes do mundo, como México, Estados Unidos da América e Canadá, por sua precocidade, resistência à ferrugem da folha e resistência à germinação na espiga. Deixou como descendentes muitas cultivares no Brasil.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.182), Dedecca & Purchio (1952) (ver p.40), Sacco (1960) (ver p.21), Silva (1966) (ver p.17); Silva (1968) (ver p.63).

Descendência: Carazinho, Fortaleza, Frocor, IAC 1-Cacique, IAC 3-Anhanguera, IAC 4-São Paulo, IAC 5-Maringá, IAC 6-Brasil, IAC 7- Bartira, IAS 3-São Borja, IAS 8-Piratini, IAS 13-Passo Fundo, IAS 15-Campeiro, IAS 16-Cruz Alta, IAS 20-Iassul, IAS 22-Tibaji, IAS 27-Itapeva, IAS 28-Ijuí, IAS 29-Nortista, IAS 30-São Sepé, IAS 34-Xaçecó, IAS 36-Jarau, Piratininga, Prelúdio, Toropi, Trapeano e Veranópolis, no Brasil; Magnif F, Piamontes INTA, Tezanos Pinto Criollo e Tezanos Pinto Precoz, na Argentina; Manitou, Napayo e Neepawa, no Canadá; Collafen, Menco, Primafer e Raco, no Chile; Andes 55, Andes 56, Napo 63 e Toca 56, na Colômbia; Chris e Willet, nos Estados Unidos da América; Huamantla, Huamantla Rojo, Yaktana 54, Yaktana Pelon e Yaktana Tardio, no México; Bailey, Fronthatch e Gem, em Quênia.

Fronteira: Descendente do cruzamento Polyssú/Alfredo Chaves 6-21, realizado em 1925 na E.E. de Alfredo Chaves. Cultivar desenvolvida na E.E.F. de Bagé, RS, em continuação aos trabalhos realizados na Estação Experimental de São Luiz das Missões, RS, e lançada para cultivo em 1932. Fronteira foi cultivada e alcançou grande disseminação nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Muito adaptada às zonas férteis da região sul do Rio Grande do Sul. Trigo tardio, de estatura alta, espigas aristadas e estreitas e glumas vermelhas. Boa resistência à ferrugem linear, o que contribuiu muito para a sua aceitação, e ao crestamento. Cultivar de grãos grandes e vermelhos e de bom valor panificativo. Foi utilizada com sucesso no desenvolvimento de outros trigos brasileiros.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.180); Pimentel (1947) (ver p.35); Silva (1966) (ver p.15).

Descendência: BH 546, BH 1146, Centeira, Frontana, Horto, IAS 36-Jarau, IAS-C 45-Vila Velha e IAS-C 46-Curitiba, no Brasil; Magnif G, na Argentina; Azteca e Sinaloa, no México.

General Vargas: Seleção provável em linha Klein, da Argentina, introduzida em São Borja, RS, na década de 40.

Guarany: Descendente do cruzamento Polyssú/Alfredo Chaves 6-21. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman e J. Pinto, na E.E. de São Luiz das Missões, RS, e lançada para cultivo no Rio Grande do Sul em 1931.

Descendência: Combate e Trintani.

H-10-35: Descendente do cruzamento Ponta Grossa 142/Barleta, sendo Ponta Grossa 142 sinônimo de Polyssú. Cultivar desenvolvida na Estação Experimental de Ponta Grossa e difundida em 1935. Trigo semitardio, de estatura alta, folhas verde-escuras, espigas aristadas e glumas vermelhas. Resistente ao acamamento e ao crestamento. Cultivar de grãos de cor vermelha-clara.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.191)

Heana: Descendente do cruzamento Floreana/Klein H-127 N 13. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman e distribuída em 1938

Descendência: IAC 3-Anhanguera e IAC 8-Paraguaçu.

Iguaçu: Cultivar de origem desconhecida, proveniente da granja Gayerevo, localizada em Araucária, PR, com características semelhantes às da cultivar Fronteira (Bayma, 1960). Trigo de estatura média a alta, colmo semi-ereto, espigas aristadas e glumas vermelhas. Cultivar de grão branco, de comprimento médio.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.191).

Jesuíta: Descendente do cruzamento Polyssú/Alfredo Chaves

3-21. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman e Inveral Pinto, na E. E. de São Luiz das Missões, RS, e disponível em 1931. Trigo de perfilhamento médio, folha verde-clara, estatura alta, espigas aristadas e estreitas e glumas vermelhas.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.191).

Kenya 155: Também conhecido como Patos 155. Seleção de Kenya Govenor realizada por Moacir de Novais, na Estação Experimental de Patos, MG. Apresentou pequena disseminação em algumas regiões em Minas Gerais. Trigo precoce, de estatura média, perfilhamento médio, espigas místicas e glumas brancas. Cultivar de grãos amarelo-claros, duros, essencialmente farináceos e de bom teor em glúten. De bom rendimento em cultura irrigada.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.189), Silva (1966) (ver p. 23).

Descendência: IAC 8-Paraguaçu e Sania.

La Estanzuela 2787C: Material introduzido do Uruguai, proveniente do cruzamento entre duas cultivares da Argentina (38M.A. e H7-165). Utilizado nos cruzamentos que deram origem às cultivares Bagé, Esteana e Lavras.

Lageadinho: Proveniente de seleção feita na cultivar Ardito. Esteve em cultivo no Rio Grande do Sul. Resistente ao crestamento.

Descendência: Kenya Leopard, desenvolvida em Quênia.

Larrañaga: Descendente do cruzamento Americano 25e/Pelon 33c. Trigo introduzido do Uruguai, esteve em cultivo em pequena escala no Rio Grande do Sul no final da década de 20. Eliminado da lavoura pela suscetibilidade à ferrugem linear.

Lavras: Descendente do cruzamento 1068-36/La Estanzuela 2787C, realizado em 1938, sendo 1068-36 proveniente do cruzamento Centenário/Surpresa. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman, na E. E. F. de Bagé, RS, e disponível em 1950.

Litoral Precoz: Descendente do cruzamento Barleta/Chino//Pelón 33c. Cultivar desenvolvida no Uruguai e utilizada no Brasil no cruzamento que deu origem à cultivar Centeiroz.

M5: Descendente do cruzamento Polyssú/Alfredo Chaves 6-21, realizado em 1925. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman e disponível em 1934.

Descendência: Cincana.

Marumbi: Proveniente de multiplicação feita em uma amostra do trigo Polyssú. Também conhecido como Ponta Grossa 142 ou Polyssú 142.

Mentana: Descendente do cruzamento Rieti/Wilhelmina//Akagomughi. Cultivar desenvolvida por N. Strampelli, na Itália, de onde foi introduzida. Trigo precoce, plantado em pequena escala no Rio Grande do Sul. Cruzado com Fronteira, produziu a cultivar Frontana, introduzindo precocidade em cultivar criada no Brasil. De boa resistência à ferrugem linear.

Literatura: Dedecca & Purchio (1952) (ver p.40), Gadea (1958) (ver p.154), Horovitz et al. (1939) (ver p.105).

Descendência: BH 546, BH 1146, Cincana, Floreana, Florestana, Frontana e Horto.

Minuano: Descendente do cruzamento Polyssú/Alfredo Chaves 6-21, realizado em 1925. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman, na E.E. de São Luiz das Missões, RS, e disponível no Rio Grande do Sul em 1931.

Descendência: Patriarca e Seberi.

Missões: Descendente do cruzamento Polissú/Alfredo Chaves 3-21. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman, na E.E. de São Luiz das Missões, e disponível em 1931.

non Selectione 3). Cultivar desenvolvida por Benedito Paiva, na E.E. de Alfredo Chaves, e disponível em 1928.

Descendência: Alegrete.

Oitest (linhas): Provenientes do cruzamento 1068-36/La Estanzuela 2787C. Linhagens desenvolvidas por Iwar Beckman.

Patriarca: Descendente do cruzamento Trintecinco/Minuano, realizado em 1940. Cultivar desenvolvida por Benedito Paiva, na E.E.F. de Júlio de Castilhos, e distribuída em 1949. Patriarca foi cultivada nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Trigo tardio, de estatura muito alta, espigas aristadas e longas e glumas brancas. Resistente ao crestamento. De grãos vermelhos e com tendência de baixo peso por hectolitro. Apresentou disseminação muito limitada e esteve recomendado até 1958.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.184), Sacco (1960) (ver p.24), Silva (1966) (ver p.18).

Descendência: IAS 15-Campeiro, IAS 16-Cruz Alta, IAS 22-Tibaji e IAS 34-Xapecó.

Petiblanco: Produto de um cruzamento natural envolvendo o trigo Petiso. Cultivar introduzida do Uruguai. Foi cultivado em pequena escala no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Deixou de ser plantado no Brasil em 1959. Trigo precoce, de estatura baixa, suscetível à debulha e resistente ao crestamento. De boa qualidade industrial.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.187), Sacco (1960) (ver p.25).

Descendência: Newpeti, Pitana e Toropi (descendente de Petiblanco 8).

PG 1: Proveniente de seleção realizada por Gil Stein Ferreira na Estação Experimental de Ponta Grossa, PR, em Polyssú. Trigo tardio, de estatura alta, muita palha, espigas aristadas e longas e glumas brancas. Muito resistente ao crestamento. Com tendência a apresentar baixo peso por hectolitro. Esteve em cultivo no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.179); Silva (1966) (ver p.15); Silva (1968) (ver p.63)

Descendência: BH 546, BH 1146, Horto, IAC 5-Maringá, IAC 6-Brasil e IAC 7-Bartira.

Pitana: Descendente do cruzamento Petiblanco/Floreana. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman.

Planalto: Descendente do cruzamento S 44-27/Vilmorin 23//Roxo, realizado em 1931, sendo que S 44-27 e Roxo são cultivares de origem desconhecida provenientes da zona colonial do Rio Grande do Sul, e Vilmorin 23 é uma cultivar introduzida da França. Cultivar desenvolvida por Benedito Paiva, na E.E.F. de Veranópolis, e distribuída em 1944. Foi também cultivada no estado do Paraná. Trigo semitardio, de estatura alta, espigas aristadas e grandes e glumas vermelhas. Resistente ao crestamento. De grãos vermelhos e tendência a peso do hectolitro e valor panificativo médios. Alcançou pequena disseminação limitada à zona colonial do Rio Grande do Sul.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.186), Paiva (1947) (ver p.27), Silva (1966) (ver p.16).

Polyssú: Proveniente de trigo colonial adquirido no Rio Grande do Sul (Guaporé) por Jorge Polyssú, em 1914, que o levou para o Paraná. Esteve em cultivo no Paraná e no Rio Grande do Sul. Foi muito importante no desenvolvimento das cultivares brasileiras de trigo.

Literatura: Beckman (1954).

Descendência: Frondoso, Fronteira, Guarany, Jesuíta, M 5, Minuano, Missões, SL 242-30 e Surpresa. Por seleção em Polyssú, foi desenvolvida a cultivar PG 1.

Porvenir: Trigo do Uruguai, do cruzamento P 33c/Americano 25e//Americano 26n, e desenvolvido em La Estanzuela. Resistente ao acamamento e às ferrugens. De boa qualidade industrial. Foi introduzido no Brasil em 1935 para substituir a cultivar Artigas, em função de altas ocorrências de ferrugens nessa cultivar.

Literatura: Horovitz et al. (1939) (ver p.72).

Pusa 4: Trigo proveniente da Índia, de cruzamento natural envolvendo a cultivar Federation. Trigo muito precoce, de espigas múticas e glumas brancas. Com alguma resistência às ferrugens. Foi plantado nas terras roxas do Paraná e de São Paulo.

Literatura: Dedecca & Purchio (1952) (ver p.47), Horovitz et al. (1939) (ver p.123).

Ricana: Descendente do cruzamento Rio Negro/Cincana. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman.

Rietti: Cultivar italiana importada em 1913 para cultivo no Paraná, segundo Munhoz (1919). Esteve em cultivo também no Rio Grande do Sul. Trigo tardio que não se adaptou às condições de cultivo no Brasil.

Rio Negro: Descendente do cruzamento Centenário/Surpresa, realizado em 1932. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman, na E.E.F. de Bagé, com lançamento em 1938 e distribuição em 1945. Rio Negro foi muito cultivada nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Esteve em recomendação em Goiás. Foi plantada em larga escala no Uruguai. Trigo tardio, de estatura média para alta, com bom perfilhamento, espigas aristadas e de tamanho médio e glumas brancas. Resistente ao acamamento e suscetível ao crestamento. Com alguma resistência à ferrugem da folha. Grão vermelho e de tamanho médio, de bom peso por hectolitro e bom valor panificativo, embora de força média, e de bom rendimento em farinha.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.180), Silva (1966) (ver p.17).

Descendência: IAS 14-Contestado, IAS 32-Sudeste, Negroz e Ricana, no Brasil; Bonza 63, no Equador; Kentana 54, no México.

Riosulino: Selecionado na E.E. de Alfredo Chaves em amostra de trigo procedente da Argentina. Cultivar distribuída em 1936. Trigo tardio, de estatura média, espigas aristadas e de tamanho médio e glumas brancas. Grão vermelho e de tamanho médio. Tendência a apresentar peso do hectolitro melhor do que o obtido por PG 1 ou Fronteira. Difundida especialmente na região colonial do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná.

Literatura: Silva (1966) (ver p.16), Silva (1968) (ver p.63).

Roxo: Trigo colonial antigo existente em lavouras de colonos no Rio Grande do Sul no início do século XX.

Descendência: Planalto.

S 44-27: Linhagem selecionada na E.E. de Alfredo Chaves, em 1926, do trigo Branco, de procedência da colônia do Rio Grande do Sul.

Descendência: Planalto.

Sales: Produto de seleção feita por Carlos Eugênio Thibau, da Estação Experimental de Patos de Minas, do Ministério da Agricultura, em amostra de trigo proveniente do Mato Grosso. Cultivar distribuída em 1947. Sales foi cultivada nos estados de Minas Gerais e de Goiás. Trigo precoce, de estatura baixa, bom perfilhamento, espigas aristadas e glumas brancas. Resistente ao calor na fase inicial de seu ciclo. Grãos de cor branca. Teve pouca disseminação.

Literatura: Dedecca & Purchio (1952) (ver p. 41), Silva (1966) (ver p.23).

Descendência: Sania.

Seberi: Descendente do cruzamento Trintecinco/Minuano. Cultivar desenvolvida por Benedito Paiva, na E.E.F. de Júlio de Castilhos, RS, e distribuída no Rio Grande do Sul em 1950. Teve disseminação limitada. Trigo de ciclo médio, estatura alta e espigas aristadas.

Sinvaloch: Descendente do cruzamento Sin Rival/38MA. Cultivar desenvolvida na Argentina e introduzida no Brasil na década de 40. Esteve em cultivo no Rio Grande do Sul, apresentando boa adaptação na região de Passo Fundo, RS.

Literatura: Dedecca & Purchio (1952) (ver p.43), Horovitz et al. (1939) (ver p.57), Rath et al. (1964).

Descendência: IAS 29-Nortista e IAS 30-São Sepé.

SL 242-30: Descendente do cruzamento Polyssú/Alfredo Chaves

6-21 (ou 3-21), realizado em 1925. Linhagem desenvolvida por Iwar Beckman, na E. E. de São Luiz das Missões, RS, e disponível no Rio Grande do Sul em 1934.

Descendência: Colônias.

Surpresa: Descendente do cruzamento Polyssú/Alfredo Chaves 6-21, realizado em 1925. Cultivar desenvolvida por Iwar Beckman, na E.E.F. de Bagé, RS, e lançada para cultivo no Rio Grande do Sul em 1932. Linha irmã de Fronteira, porém inferior a esta.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.180), Dedecca & Purchio (1952) (ver p.42), Silva 1966 (ver p.15).

Descendência: Bagé e Rio Negro, no Brasil; Supreme, nos Estados Unidos da América; Supremo 211, no México.

Trapeano: Descendente do cruzamento Frontana/Colonista, realizado em 1941. Cultivar desenvolvida por Benedito Paiva e Victor Pacheco, na E.E.F. de Veranópolis, RS, e lançada em 1949. Trapeano foi cultivada nos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná. Trigo de espigas aristadas e glumas vermelhas. Resistente ao crestamento. De grãos vermelhos e com tendência a apresentar bom peso do hectolitro. Teve disseminação limitada.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.185), Sacco (1960) (ver p.29), Silva (1966) (ver p.18).

Descendência: Nova Prata e Vacaria.

Trintani: Descendente do cruzamento Trintecinco/Guarany, realizado em 1940. Cultivar desenvolvida por Benedito Paiva e Victor Pacheco, na E.E.F. de Veranópolis, RS, e lançada para cultivo em 1949. Trintani foi cultivado nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Trigo tardio, de estatura muito alta, muita palha, espigas aristadas e de glumas brancas. Resistente ao crestamento. De grãos vermelhos e de boa qualidade de panificação. Teve disseminação pequena.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.184), Sacco (1960) (ver p.30), Silva (1966) (ver p.18).

Descendência: Dom Feliciano e Vila Rica.

Trintecinco: Descendente do cruzamento Alfredo Chaves 3-21/ Alfredo Chaves 4-21, realizado em 1927. Cultivar desenvolvida por Benedito Paiva, na E.E. de Alfredo Chaves (Veranópolis), RS, e distribuída a partir de 1936. Trintecinco foi cultivada nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Alcançou grande disseminação na zona colonial norte do Rio Grande do Sul e na região de Guarapuava, PR. Trigo tardio, de estatura alta, folhas longas, espigas aristadas e glumas brancas. Resistente ao crestamento. De grãos vermelhos e de panificação regular. Alcançou grande disseminação na zona colonial norte do Rio Grande do Sul e foi plantado também em Santa Catarina e no Paraná.

Literatura: Bayma (1960) (ver p.184), Paiva (1947) (ver p.21), Sacco (1960) (ver p.31), Silva (1966) (ver p.16), Silva (1968) (ver p.63).

Descendência: Alegrete, Cinqüentenário, Colônias, Combate, IAS-C 45-Vila Velha, IAS-C 46-Curitiba, Patriarca, Santa Bárbara, Seberi, Trintani e Veranópolis.

Turco: Trigo colonial antigo do Rio Grande do Sul. Apresentava numerosas variações. Provavelmente introduzido no Brasil por imigrantes da Criméia. Segundo Paiva (1947), as 14 linhagens Alfredo Chaves eram provenientes de seleção realizada em Turco.

Literatura: Pimentel (1947) (ver p.25)

Descendência: linhagens Alfredo Chaves (Paiva, 1947; Pimentel, 1947).

Veadeiros: Trigo colonial de origem desconhecida cultivado em Veadeiros, GO.

Literatura: Silva (1966) (ver p.23).

Veranópolis: Descendente do cruzamento Trintecinco/Frontana, realizado em 1941. Disponível em 1950. Foi recomendado para cultivo em Quênia, na África.

Descendência: C 33, Cotiporã, Lagoa Vermelha, Missioneiro, Nova Prata, S 12 e Vacaria.

III AC2: Seleção realizada por Carlos Gayer em trigo colonial do Rio Grande do Sul, no início da década de 20.

Descendência: Farrapo.

XIII AP: Seleção realizada por Carlos Gayer em trigo colonial do Rio Grande do Sul, no início da década de 20.

Descendência: Nordeste.

1068-36: Linhagem descendente do cruzamento Centenário/Surpresa. Linhagem desenvolvida por Iwar Beckman, em Bagé.

Descendência: Bagé e Lavras.

Existe conflito de informações sobre as cultivares antigas de trigo, principalmente em relação ao cruzamento e ao ano de lançamento para cultivo. Não havia reuniões inter-institucionais de pesquisa, como acontece atualmente, para discussão e decisão sobre o lançamento e para recomendação de cultivares para as diversos estados onde o trigo era cultivado. Não havia atas de reuniões para dirimir as dúvidas, a não ser a partir de 1947, quando começaram as reuniões da Comissão Técnica de Trigo, convocadas pelo Ministro da Agricultura para determinar as normas a serem seguidas na campanha da produção de trigo. Em relação ao cruzamento, a situação de Bandeirantes, de Colônias ou de Frondoso não foi plenamente esclarecida. Com referência ao cruzamento das cultivares Guarany, Jesuíta, Minuano, Missões e SL 242-30, existe uma dúvida referente à linha Alfredo Chaves usada no cruzamento com Polyssú. Alguns autores mencionam que é a Alfredo Chaves 6-21, enquanto outros citam Alfredo Chaves 3-21.

REFERÊNCIA

- BAYMA, C. Trigo. Rio de Janeiro: SIA, 1960. v.1, 361p. (SIA. Estudos Técnicos, 14)
- BAYLES, B. B.; CLARK, J. A. **Classification of wheat varieties grown in the United States in 1949.** Washington: United States Department of Agriculture, 1954. 173p. (USDA. Technical Bulletin, 1083)

- BECKMAN, I. O novo trigo "Bagé" na sua região de adaptação. **Agros**, Pelotas, v.4, n.1, p.48-52, 1951.
- BECKMAN, I. **Retrospecto da obra fitotécnica de um genetista**. Bagé: Estação Experimental de Bagé, 1965. 10p.
- BECKMAN, I. Sobre o cultivo e melhoramento do trigo (*Triticum vulgare*, Vill) no sul do Brasil. **Agronomia Sulriograndense**, Porto Alegre, v. 1, n.14, p.64-72, 1954.
- DEDECA, D. M.; PURCHIO, M.J. Variedades de trigo (*Triticum aestivum* L.); caracterização botânica de algumas variedades em experimentação em São Paulo. **Bragantia**, Campinas, v.12, n.13, p.19-54, 1952.
- FERREIRA FILHO, J. C. **Cultura do trigo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura-Serviço de Informação Agrícola, 1948. 53p.
- GADEA L., M. **Trigos cultivados en España y nuevas variedades recomendables**: tipificación, precios y comercio. Madrid: Ministério de Agricultura, 1958. 375p. (Manuales Técnicos. Serie A, 22).
- GAYER, C. **Cultura prática do trigo**. São Paulo: Edições Melhoramento, [19--]. 32p. (ABC do Lavrador Prático, 12)
- HOROVITZ, N. et al. **Description de variedades agrícolas de trigo, lino, cebada, avena y centeno por sus caracteres morfológicos**. Pergamino: INTA, 1939.
- KOHLI, M. M. **Variedades de trigo del Cono Sur de Sudamérica**: nombres; progenitores; genealogía y origen. México: CIMMYT, 1986. 68p.
- LAGOS, M. B. História do melhoramento genético do trigo no Brasil. **Boletim Técnico IPAGRO**, Porto Alegre, n. 10, p.1-80, jan.1983.
- MUNHOZ, A. **O trigo no Paraná**. 2.ed. Curitiba, 1919. 47p.
- OSÓRIO, E. A. Variedades e melhoramento. In: FUNDAÇÃO CARGILL. **Trigo no Brasil**. Campinas, 1982. v.1,cap.5,p.145-197.
- PAIVA, B. de O. **Pequena contribuição à taxionomia dos trigos riograndenses**. Porto Alegre: Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, 1947. 30p. (Boletim SIPA, 118).

- PAZ, A. de F. **O problema do trigo no Rio Grande do Sul e a ação da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio.** Porto Alegre: Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, 1939. 16p. (Boletim, 72).
- PIMENTEL, F. **Aspectos gerais da cultura do trigo no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, 1947. 60p. (Boletim SIPA, 129).
- PRUNES, L. M. **O trigo.** Porto Alegre: [s.n.], 1939. 187p.
- RATH, J.; CONTA, H. C.; TOMBETTA, E. E.; KUGLER, W. F.; MORO, M. S. Descripción de las variedades de trigo cultivadas en la Argentina. Buenos Aires: INTA, 1964. 375p. (INTA. Colección Agropecuária, 10).
- SACCO, J. da C. **Identificação das principais variedades de trigo do sul do Brasil.** Pelotas: Instituto Agronômico do Sul, 1960. 36p. (Boletim Técnico, 26).
- SILVA, A. R. da. A luta pelo pão nosso. In: **Revolução Tecnológica.** SILVA, A.R. da. Livro Anual da Agricultura. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, [1968]. p.61-81.
- SILVA, A. R. da. **Melhoramento das variedades de trigo destinadas às diferentes regiões do Brasil.** Rio de Janeiro: SIA, 1966. 82p. (SIA. Estudos Técnicos, 33).
- SOUSA, C. N. A. de. **Cultivares de trigo recomendadas no Brasil - 1922 a 1992.** Passo Fundo: EMBRAPA-CNPT, 1994. 82p. (EMBRAPA-CNPT. Documentos, 16).
- SOUSA, G; WALDMAN, L. Melhoramento de trigo no IPAGRO. **IPAGRO Informa**, Porto Alegre, n.16, p.33-35, maio 1977.
- TAUNAY, A. de E. **Trigaes paulistanos dos séculos XVI e XVII; capítulo tirado da "Historia seiscentista da villa de São Paulo".** São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1929. 19p.
- TEIXEIRA, E. F. **O trigo no sul do Brasil.** São Paulo: Gráfica Editora Linotype, 1958. 304p.

ZEVEN, A. C. ; ZEVEN-HISSINK, N. Ch. **Genealogies of 14000 wheat varieties.** Wageningen: Netherlands Cereal Centre/CIMMYT, 1976. 119p.

GRÁFICA E EDITORA Pe. BERTHIER
dos Missionários da Sagrada Família
Reg. Nº 26, de 03/11/54 – C.O.E.
Rua Senador Pinheiro, 284
Telefone: (054) 313-3255
Telefax: (054) 313-3166 – Cx. Postal, 202
99070-220 – Passo Fundo-RS – Brasil

